

STELLINO, Paolo. **Nietzsche and Dostoevsky: On the Verge of Nihilism**. Berne: Peter Lang, 2015, 247 p¹.

Paulo Cesar Jakimiu Sabino²

A relação entre Dostoiévski e Nietzsche é bem conhecida, mas para aqueles não familiarizados com ela, certos estranhamentos são compreensíveis. Afinal, trata-se de um diálogo incomum. O primeiro é um fervoroso cristão, o segundo um crítico ferrenho do cristianismo. Contudo, como se pode observar na literatura que correlaciona ambos, há mais semelhanças do que se possa imaginar entre o “cristão” e o autor do “Anticristo”. Ocorre que, como se trata de uma “amizade estranha”, é normal existirem diferenças e, nesse sentido, certa cautela é indispensável para evitar simplesmente aproximar ambos sem considerar o forte contraste que existe entre seus pensamentos. É nesse complexo contexto que Paolo Stellino adentra com seu livro, *Nietzsche and Dostoevsky: on the verge of nihilism*. A proposta do livro é demonstrar a importância de Dostoiévski e sua influência no pensamento de Nietzsche, atacando determinadas interpretações pouco defensáveis e realizando uma análise mais completa da descoberta do romancista por parte de Nietzsche. A estratégia utilizada por Stellino para desenvolver sua proposta segue em duas direções: inicialmente o autor busca esclarecer os aspectos mais relevantes da relação entre os autores e, posteriormente, se debruçar de forma mais específica sobre um tema caro ao pensamento de ambos: o niilismo. Por consequência, a obra divide-se em duas partes.

A primeira parte, sendo ela “principalmente histórica e filológica” (STELLINO, 2015, p.18), se concentra em recuperar e aprofundar os estudos já realizados acerca de um tema bastante específico: “a descoberta de Dostoiévski por Nietzsche”. Essa “descoberta” não se refere apenas a *quando* o filósofo alemão teve contato com romancista, mas se ocupa de modo especial com *o que* ele leu e *como* leu. Tendo em vista esse propósito, Stellino realiza uma espécie de “juízo”, colocando na balança ponderações favoráveis e contrárias às evidências de que Nietzsche teria lido determinadas obras, a fim de averiguar com precisão quais foram as que se tem provas de que o filósofo leu e as que apenas *provavelmente* ele leu. Para tal tarefa, faz uso de duas

¹ Sem tradução no Brasil.

² Graduado em Filosofia (Unespar), mestre em Estética e Filosofia da Arte (Ufop) e discente do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFPR. Curitiba, PR, Brasil. E-mail: pcjsabino1@yahoo.com.br.

abordagens: (i) a verificação de cartas, obras publicadas e fragmentos póstumos nas quais o filósofo cita nominalmente o escritor russo ou algum de seus escritos e; (ii) a análise desses mesmos materiais, porém, observando qualquer indício que possa indicar a influência do romancista mesmo sem haver qualquer citação direta. Um exemplo dessa última abordagem é o exame da caracterização da figura de Jesus como *idiota*, a qual nos leva a crer na forte possibilidade de Nietzsche ter lido o romance homônimo. Para complementar suas análises, e com a intenção de dar mais consistência a elas, Stellino dá atenção também aos materiais externos, isto é, livros que o filósofo recebera de presente e periódicos publicados na época que faziam referência à literatura russa aos quais ele teria tido acesso. Assim ele consegue obter uma boa margem de segurança de que, mesmo em casos em que não faz citações diretas do escritor russo, o filósofo estaria se referindo às suas obras ou manifestando seu conhecimento delas. Um exemplo nesse sentido é a obra *Crime e castigo*, pois, se é certo que Nietzsche não menciona diretamente qualquer passagem desse romance, é certo também que ele mostra um evidente encantamento pela figura do criminoso, no caso, Raskólnikov. Para superar o patamar da especulação, contudo, o autor recorre, nesse caso, a uma fonte indireta. Trata-se da obra *Revolution der Litteratur* de Bleibtreu, uma obra na qual se tem uma exposição do livro Crime e Castigo, de Dostoiévski que foi criticada por Nietzsche, o que é tomado como uma prova de que o filósofo mesmo podendo não ter lido o romance, de fato, o conhecia. Logo, não é difícil constatar como alguns tópicos são difíceis de serem elucidados, motivo pelo qual, ao longo da primeira parte, existem seções dedicadas inteiramente a um único romance, justamente para cumprir o propósito de elucidar os pontos obscuros da recepção do escritor pelo filósofo.

É importante salientar que quando se debruça sobre a questão da “descoberta”, o autor não ignora um ponto essencial para compreender *como* Nietzsche leu e interpretou Dostoiévski: o contexto francês. Faz-se, mister, por essa razão, ressaltar a predileção do filósofo pelas traduções francesas, um fato que apesar de parecer pouco relevante, se mostra fundamental quando observado mais atentamente. Isso porque os tradutores adaptavam muitos romances ao público francês, resultando em uma série de obras alteradas, com diferenças notáveis se comparadas com as originais. É o caso de *L'esprit souterrain*, o primeiro livro de Dostoiévski que Nietzsche teve contato – a obra relativa à sua “descoberta”, segundo relata em carta ao amigo Franz Overbeck. O livro foi adquirido numa livraria em Nice, em meados de 1886-1887. Trata-se de uma versão da editora Plon, na qual aparecem os problemas acima mencionados, pois reúne dois livros fazendo

parecer um só: *A senhoria*, escrito em 1847 e *Memórias do subsolo*, de 1864, que são interligados por um apócrifo escrito pelos próprios tradutores. Os livros foram escritos e publicados em períodos muito distintos e separados por fatos determinantes para o pensamento de Dostoiévski, como seu exílio na Sibéria após a comutação da pena de morte. Todavia, dentro desse conjunto problemático, Stellino sabiamente se atenta ao mais fundamental, que é esclarecer em que sentido *L'esprit souterrain* chamou a atenção de Nietzsche e influenciou sua filosofia, sendo o principal ponto de tangência entre ambos o traço psicológico, isto é, a capacidade de investigar a fundo a alma humana. Nesse sentido, é digno de nota que sendo *Memórias do subsolo* a obra que levou Nietzsche a caracterizar Dostoiévski como um psicólogo, é mérito do autor não deixar *A senhoria* em segundo plano na sua análise. Com respaldo nos estudos de Miller e Llinares³, Stellino elucida os possíveis traços psicológicos da primeira parte da edição francesa que despertaram o interesse do filósofo e o levaram a se posicionar positivamente com relação a ela, pois se trata de uma obra bastante criticada – inclusive, pelo próprio Dostoiévski.

Focada na “descoberta”, a primeira parte segue sempre o mesmo modelo de análise: traz à tona a obra, coloca em jogo as evidências que permitem identificar se Nietzsche leu determinado romance e, por fim, detalha os elementos mais importantes do romance com o intuito de demonstrar como Nietzsche foi influenciado por ele. Uma exceção à regra ocorre nas duas últimas seções da primeira parte, em que Stellino examina o caráter artístico de Dostoiévski na visão de Nietzsche e recapitula a relação entre ambos. Através desse processo, fica claro, no livro, que o mais perigoso não é *supervalorizar* a influência de Dostoiévski em Nietzsche, mas *subestimá-la*. Afinal, é clara a influência do primeiro nas obras finais do segundo (Cf. *Ibidem*, p.142).

Com base na primeira parte do livro, é correto afirmar que Nietzsche, de fato, leu *Memórias do subsolo*, *A senhoria*, *Recordações da casa dos mortos*, *Humilhados e ofendidos* e *Os demônios*, tendo ainda realizado, provavelmente, a leitura de *Crime e castigo* e *O idiota* – além de conhecer alguns contos de Dostoiévski reunidos numa coletânea em tradução alemã que possuía em seu arquivo pessoal. Contudo, a maior novidade consiste na apresentação das inconsistências em alguns estudos anteriores, na medida em que apresenta novos elementos e interpretações sobre os pontos mais

³ Os estudos se referem ao artigo “Nietzsche’s Discovery of Dostoevsky” de Miller, um dos pioneiros no tema e publicado na *Nietzsche-Studien* no ano de 1973, e ao artigo mais recente, de Llinares, intitulado “Nietzsche descubre a Dostoevski. Notas sobre la lectura nietzschiana de *La Patrona*”, publicada na *Estudios Nietzsche* em 2009.

fundamentais acerca da “descoberta”. Amparado pelos resultados obtidos, Stellino abandona o “tribunal” para dar outro rumo à sua pesquisa.

Na segunda parte, de caráter mais filosófico, o estudo é norteado por um *leitmotiv* bastante claro e delimitado: o niilismo entre os dois pensadores em destaque. Dois são os problemas centrais advindos de interpretações que ganharam força entre os estudiosos anteriores – sustentadas, porém, em leituras injustas, principalmente em relação à filosofia de Nietzsche. São eles: a possível conexão entre a ideia de Ivan Karamazov, sintetizada pela máxima “se Deus não existe, então tudo é permitido” e a sentença encontrada nas obras e fragmentos finais do filósofo, segundo a qual “nada é verdadeiro, tudo é permitido”. Essa suposta conexão tornou marcante a ideia de que a filosofia nietzschiana aparece intimamente ligada aos personagens niilistas dostoiévskianos⁴, e isso remete ao segundo problema, a saber, que Nietzsche e Dostoiévski seriam adversários irreconciliáveis – tese sustentada, por exemplo, pelo crítico literário e romancista russo Dmitri Sergyevich Merezhkovski. Esses problemas claramente estão interligados, pois se entre a teoria de Ivan e a filosofia nietzschiana existem semelhanças, então é justo estabelecer o filósofo como um defensor do niilismo. Como o romancista é crítico dessa doutrina, a oposição é válida e torna-se plausível a tese defendida por intérpretes como Sergio Givone – na qual Dostoiévski antecipa as ideias do filósofo alemão ao mesmo tempo em que as critica. As consequências disso são claras: mesmo os elogios de Nietzsche não permitiriam afirmar que ele compreendeu coerentemente as ideias presentes nos romances lidos, e qualquer tentativa de aproximação entre os dois estaria fadada ao fracasso.

A argumentação de Stellino não concorda com tal tese, tratando de esclarecer as ideias e conceitos de Nietzsche que o afasta dos personagens niilistas, ao começar pela clássica questão da “morte de Deus”. A leitura mais superficial parece querer indicar que, a partir da ausência de uma divindade, Nietzsche pretende justificar toda e qualquer tipo de ação. Ignora-se que a “morte de Deus” é um fenômeno da modernidade constatado pelo filósofo, cujo significado é a queda dos valores cristãos em voga até então, resultando na ausência dos mesmos – consequência das ações dos próprios modernos, que por sua vez, foram incapazes de lidar com o sentimento de ausência deixado por esse fenômeno. Contudo, é justamente na contramão desses tipos modernos que Nietzsche lança mão da ideia acerca do surgimento de “tipos superiores de homens”. Mais fundamental ainda,

⁴ Além de Ivan, Raskolnikov de *Crime e Castigo* e Kirillov de *Os demônios* figuram na cena.

constrói o conceito de além-do-homem [*Übermensch*], para indicar um indivíduo capaz de superar a condição moderna e, conseqüentemente, dar conta desse sentimento de ausência mediante sua capacidade de criar novos valores e interpretações de mundo. Tomada nessa perspectiva, a filosofia de Nietzsche não propõe justificar determinadas ações através da ausência de Deus, e nem mesmo permite que os “homens superiores” e o além-do-homem possam ser identificados com o “homem-Deus” de Kirillov – o qual Dostoiévski contrapõe ao “Deus-homem”, isto é, Cristo.

Stellino ainda elenca outras importantes diferenças entre os heróis niilistas dostoievskianos e o pensamento nietzschiano: (i) a sentença supracitada jamais é mencionada diretamente, pois observa-se que no *Zaratustra*, por exemplo, ela é proferida pela sombra da personagem, e serve para desenhar uma figura fraca, insegura e desorientada, bem distante dos tipos fortes; (ii) as teorias dos personagens niilistas não realizam a mesma empreitada do “médico” Nietzsche: a de diagnosticar a cultura moderna e; (iii) por fim, a sentença só é considerada no âmbito moral e ignora o fato de ela abranger uma atitude experimental característica da filosofia dionisíaca, propondo liberdade e experiência de pensamento. Sobre essa última diferença, mesmo quando restrita à esfera moral, ela não sugere apenas ausência de limites ou leis aos “homens superiores”, uma vez que a questão revela uma série de dificuldades. Por exemplo, o fato de Nietzsche nunca estabelecer *o que é* permitido a esses tipos superiores, dando margem a diferentes interpretações. Em outras palavras, a aproximação da filosofia nietzschiana com os ideais de Raskolnikov ou de Ivan, depende mais do tipo de leitura realizada do que de um discurso que signifique *ipsis litteris* a posição do autor de *Assim falou Zaratustra*. Do mesmo modo, como aponta Stellino, os defensores do indiferentismo moral em Nietzsche precisam enfrentar outro obstáculo: a necessidade de explicar, já que tudo é permitido e toda perspectiva válida, a razão pela qual o filósofo estabelece uma ordem hierárquica [*Rangordnung*] de valores.

Em vista dos argumentos apresentados no livro, fica esclarecido que Nietzsche não exalta ou defende o niilismo, pelo contrário, ele julga necessária a criação como meio fundamental para superá-lo – principal diferença em relação ao pensamento de Ivan. Por essa razão, Stellino conclui que a máxima “nada é verdadeiro, tudo é permitido”, não caracteriza um imoralismo nietzschiano análogo ao indiferentismo moral *à la* Karamazov – a sentença é concebida, pelo filósofo, como uma forma extremada e fanática de niilismo, significado desconsiderado por intérpretes anteriores.

Em síntese, Stellino expõe as diferenças entre as teorias dos personagens niilistas e o pensamento nietzschiano pautado no seguinte critério: o tema do niilismo na filosofia de Nietzsche está fortemente ligado à sua luta contra o espírito moderno. Desconsiderando esse aspecto, muitas questões foram negligenciadas visando sustentar a oposição entre Nietzsche e Dostoiévski, mas, como argumenta o autor, as respostas dos pensadores ao niilismo podem ser lidas como *complementares*. Uma amostra desse tipo de leitura é oferecida no próprio livro: a transvaloração preenche a lacuna deixada pela ausência da moral cristã, enquanto os ensinamentos da literatura de Dostoiévski alertam para os perigos de conceder aos “homens superiores” direitos especiais. É assim que a posição final de Paolo Stellino é conciliadora, mas não torna os pensadores “gêmeos intelectuais”, preservando as semelhanças sem ignorar as divergências.

Se na avaliação de alguns leitores Stellino pode parecer não se aprofundar em alguns temas, é preciso considerar que a proposta não é investigar separadamente cada pensador, logo, não se faz necessário concentrar-se em assuntos mais específicos – como, por exemplo, o caráter político do niilismo na Rússia do século XIX ou a estreita relação entre a reflexão sobre o ressentimento e a crítica que Nietzsche faz a Eugen Dühring. O livro se propõe versar a relação entre Nietzsche e Dostoiévski e o aprofundamento em alguns temas exigiria um desvio prejudicial à tarefa central, comprometendo e fragilizando os argumentos mais essenciais à tópica em questão.

Levando-se em consideração esse conjunto, é correto afirmar que Stellino atinge os objetivos que propôs à obra. Sua investigação apurada dos aspectos mais penosos da “descoberta de Dostoiévski por Nietzsche” permitiu-lhe identificar as interpretações mais contestáveis e os temas mais influentes, entregando, ao fim, uma interpretação elegante que não comete injustiças com os pensamentos e ideias dos personagens centrais do livro. Com efeito, *Nietzsche and Dostoevsky: on the verge of nihilism* representa um ganho na literatura secundária pela cuidadosa abordagem de um tema tão estimulante, por isso mesmo alguns leitores brasileiros poderão se lamentar por ainda não contarem com uma tradução da obra para o português.

Referências bibliográficas

STELLINO, P. *Nietzsche and Dostoevsky: On the Verge of Nihilism*. Berne: Peter Lang, 2015.

MILLER, C. A. Nietzsche's "Discovery" of Dostoevsky. *Nietzsche-Studien*, Berlin, n. 2, 1973, p. 202-257.

LLINARES, J. B. Nietzsche descubre a Dostoievski. Notas sobre la lectura Nietzscheana de *La patrona*. *Estudios Nietzsche*, Málaga, n.9, 2009, p.67-90.